



Estudo aprofundado de uma amostra de associações científicas: principais resultados

Fevereiro de 2012

Ana Delicado (ICS-UL; coord.); Raquel Rego (SOCIUS-ISEG); Inês Pereira (CIES-IUL); Cristina Palma Conceição (CIES-IUL); Luís Junqueira (ICS-UL); Cristiana Bastos (ICS-UL); Patrick Figueiredo (ICS-UL)

Após uma primeira fase de recenseamento e inquérito às associações científicas portuguesas, foi executado um estudo aprofundado que incidiu sobre uma amostra de 24 associações científicas portuguesas, selecionadas segundo o tipo (sociedades científicas disciplinares, associações de profissionais científicos e associações de divulgação científica) e a área disciplinar. A metodologia sustentou-se em quatro técnicas principais: análise documental, entrevistas em profundidade aos presidentes da direção, inquérito por questionário aos sócios (em 18 associações) e observação etnográfica em eventos promovidos pelas associações. O trabalho de campo decorreu entre Fevereiro e Novembro de 2011.

Criação das associações científicas

No que respeita à emergência das associações científicas, encontram-se dois processos muito distintos: a criação autónoma, de “geração espontânea”, e a separação a partir de uma associação-mãe.

Uma parte substancial das associações surge em contexto universitário ou, menos frequentemente, no âmbito de um Laboratório do Estado, ainda que a maioria destes casos manifeste desde cedo uma preocupação em alargar o seu âmbito da associação para além da instituição fundadora (outras universidades) ou mesmo fora da esfera académica (prática profissional). Nas narrativas dos momentos fundacionais está muitas vezes presente a referência à organização de encontros ou workshops que precedem e impulsionam a formalização da associação, o papel de figuras individuais ou a influência do contexto internacional, nomeadamente a existência de associações congéneres no estrangeiro. No caso das associações de teor disciplinar (sociedades científicas mas também associações profissionais), o seu surgimento está frequentemente ligado ao desenvolvimento da área científica de base. A criação da maioria destas associações terá beneficiado fortemente do aumento da massa crítica do sistema científico português, primeiro com a criação de licenciaturas, depois de mestrados e doutoramentos, com os



Laboratório Associado



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

correspondentes aumentos de docentes e discentes nas diversas áreas científicas.

Atividades – Encontros científicos

No que respeita às atividades desenvolvidas pelas associações, os encontros científicos têm uma posição preponderante. Apesar dos grandes congressos internacionais conferirem aos seus participantes mais capital científico que as reuniões nacionais, estas ainda são uma “montra” da investigação que é feita no país, um ponto de encontro para gerar sociabilidade e interconhecimento, uma forma de transcender as partições e rivalidades institucionais. São também uma ocasião para captar novos associados, para ajudar à integração de jovens investigadores, para trazer figuras de relevo a Portugal e para dar visibilidade à associação, tanto junto da comunidade científica como de entidades externas (profissionais não ligados à investigação, professores e alunos do ensino secundário, representantes de ministérios e de autarquias).

Atividades – Publicações

As publicações mantêm-se como uma atividade muito relevante das associações, mas que sofreram significativas transformações nas últimas décadas. A publicação de revistas científicas dirigidas a especialistas perdeu terreno, face à concorrência das revistas internacionais, muito mais prestigiadas. Em resultado disso, várias associações redirigiram as suas publicações para públicos mais alargados, transformando-as em veículos de difusão científica mais do que de comunicação entre pares. As novas tecnologias de informação vieram permitir reduzir os custos das publicações e

aumentar a sua circulação. Também muito comum é a publicação de boletins ou newsletters, com o objetivo de divulgar as atividades aos associados, bem como de livros e atas de congressos.

Atividades – Divulgação e educação científica

Boa parte das associações desenvolve algum tipo de ação de divulgação/educação científica. Para além da publicação de pequenas peças em boletins, newsletters, etc., ou de ocasionais contatos com os média, as sociedades científicas disciplinares tendem neste âmbito a revelar uma abordagem mais minimalista e tradicional. Em regra privilegiam as palestras ou encontros simulares – ora dirigidos a grupos em idade escolar, ora a audiências mais variadas. Já entre as associações especificamente vocacionadas para a divulgação científica, como seria de esperar, o número e a diversidade de atividades neste domínio é bastante superior: às palestras juntam-se projetos de ensino experimental, sessões de observação, visitas a laboratórios, passeios de campo, blogs, livros, exposições, etc. (que acabam por abranger públicos bastante diversificados). Nestes casos, para além da exploração de espaços educativos informais, há a assinalar a tentativa de articulação entre ciência e outras formas de manifestação/intervenção sociocultural, bem como, por vezes, a promoção de experiências de “civic science”. As associações de profissionais tendem, por seu turno, a revelar-se bastante mais distantes dos desígnios da divulgação científica.

Atividades – Aconselhamento/lobby

As associações científicas aqui analisadas têm alguma representação em organismos públicos de consulta e formulam pareceres como especialistas também noutros âmbitos, mas não o fazem de forma sistemática nem parecem confiar que as suas posições tenham um impacto importante nas políticas públicas. Os estudos encomendados pelo poder político, por exemplo a centros de investigação, tendem hoje a concorrer com os pareceres que tradicionalmente as associações científicas forneciam. A auscultação destas associações dependerá em boa parte da visibilidade que as associações conseguem alcançar, designadamente através dos seus dirigentes e da atualidade dos seus objetivos.

Relativamente a outras formas de representação de interesses e influência, concretamente ao nível de ações de pressão a que se chamámos *lobby*, apesar da resistência que o termo pode suscitar entre nós, os estudos de caso revelam situações de sucesso e algumas de insucesso, mas sobretudo uma consciência da necessidade de recursos, humanos e outros, de que nem sempre dispõem, assim como da existência de um tempo adequado para o efeito, sendo que uma mudança de legislatura implica normalmente um reinício do processo; a inexistência de uma estrutura supra-associativa ativa pode ser, a nosso ver, um fator de enfraquecimento da ação destas associações.

Atividades – Apoio profissional

As associações científicas proporcionam aos seus sócios um conjunto de serviços

que podem ser agregadas sobre o rótulo genérico de apoio profissional. Por um lado, várias associações desenvolvem atividades de formação, que podem assumir a forma de colóquios e conferências ou de cursos especializados. Algumas associações disponibilizam informação de teor científico aos sócios ou ao público, através de bibliotecas ou centros de documentação. Os prémios e bolsas de estudo são uma forma de apoiar financeiramente a investigação científica e estimular a adesão às associações (são geralmente reservados a associados), mas também de conferir prestígio e reconhecimento simbólico aos investigadores. Outras formas mais raras de apoio proporcionado pelas associações científicas (sobretudo associações profissionais de cientistas), são as bolsas de emprego, os estágios profissionais e o apoio jurídico.

Atividades – I&D e transferência de tecnologia

Tudo indica que as associações científicas portuguesas tendem a desempenhar um papel bastante marginal tanto no que toca à realização de atividades de I&D como, mais ainda, no que respeita à transferência de tecnologia para o sector empresarial. Ainda assim, entre as associações orientadas para a promoção de cultura científica, identificaram-se alguns casos de envolvimento direto em projetos de pesquisa. O aspeto mais interessante é que, com alguma frequência, estes exploram novas formas de participação de “amadores” nestas atividades e/ou demonstram uma considerável ligação à realidade específica de determinados territórios. Deste ponto de vista, poder-se-ão equacionar como assentes em modelos

relativamente "alternativos" de investigação científica – o que, aliás, pode ajudar a explicar o facto de se encontrarem neste tipo de associações e não nas sociedades disciplinares (onde, proporcionalmente, a classe profissional dos investigadores tende a ter mais protagonismo).

Participação associativa

Quanto à participação associativa, verificou-se que o número de sócios nas associações científicas é muito variável, podendo ir das poucas dezenas aos vários milhares. Os investigadores e docentes universitários são predominantes, sobretudo nas sociedades científicas disciplinares, mas muitas associações esforçam-se por captar também sócios entre os profissionais e docentes do ensino não superior e entre os estudantes, com o objetivo declarado de rejuvenescer as associações. Quanto às formas de chegada à associação, o meio mais comum é a recomendação interpessoal, de um professor ou de um colega de trabalho, seguindo-se-lhe um evento realizado pela associação ou o website da mesma. Quanto às motivações para aderir à associação, surge à cabeça e com bastante distanciamento das restantes categorias, a identificação com os objetivos da associação. A segunda motivação mais importante é a participação nas atividades da associação e só depois são valorizados os fins instrumentais de obter benefícios nos serviços, eventos e no currículo científicos. Predomina uma participação “passiva” na vida da associação, restrita ao pagamento de quotas, à presença nos encontros científico e à leitura das publicações. Os benefícios de ser membro das associações mais valorizados são a

pertença a uma comunidade e o contributo para o desenvolvimento da ciência, seguido da promoção da cultura científica. Só depois são referidos benefícios mais instrumentais, como o acesso a informação sobre eventos e sobre descobertas, o conhecimento do campo e o convívio com pessoas com interesses semelhantes. Quando instados a assinalar os problemas com que se debate a sua associação, o mais frequentemente referido é a falta de visibilidade ou de divulgação, seguindo do pouco envolvimento dos membros.

Funcionamento interno

No que diz respeito ao funcionamento interno das associações científicas analisadas e do ponto de vista dos seus órgãos sociais, poucas têm órgãos para além dos convencionais três, a saber, direção, conselho fiscal e mesa da assembleia geral. Muitas associações consideram por exemplo não ter vocação para desenvolver vigilância deontológica; outras no entanto têm um código de ética cujo impacto prático está desde logo limitado pela inexistência de um órgão que se dedique à sua aplicação.

Os presidentes das associações entrevistadas são de um modo geral indivíduos com um *curriculum vitae* académico importante e que aderem à associação num ato que veem como natural na sua carreira, algumas vezes ocorrendo ainda enquanto estudantes. A constituição da lista, que é, como sucede com outro tipo de associações, prevalentemente única, é da sua responsabilidade e observa-se nela muitas vezes uma preocupação em reunir várias sensibilidades, ramos disciplinares ou regiões diversas. Porém, a iniciativa da assunção do cargo de presidente parte

geralmente de um convite feito por outros e não do próprio.

A orgânica das associações científicas estudadas não é de um modo geral muito complexa, já que o seu grau de profissionalização também é baixo. A racionalidade prevalecente parece ser mais próxima de valores humanistas do que economicistas. Para isto concorrerá porventura o facto de muitas associações contarem com apoios públicos, embora haja também quem beneficie de apoios privados e múltiplos obtenham nos seus congressos ou publicações uma importante fonte de recursos financeiros.

As associações científicas debatem-se com a necessidade de encontrar processos eficazes de comunicação, seja interna, seja externa. Neste âmbito tendem a cruzar métodos 'tradicionais' de comunicação com a utilização das novas tecnologias de informação. Se no primeiro caso tendem a apostar na comunicação por boletim impresso ou carta, no segundo caso utilizam uma versão digital do mesmo boletim, tendo também um site, uma ou mais *mailing lists* e, frequentemente, estabelecendo-se em diversas plataformas no ciberespaço, fazendo uso, por exemplo, das redes sociais ou de canais como o Youtube. As novas tecnologias são, também, utilizadas no âmbito mais interno, substituindo-se reuniões presenciais por conversas, por vezes transnacionais, via Web. É no entanto de ressaltar que a utilização de novas tecnologias como a internet não se encontra, de todo, igualmente estabelecida entre todos os associados e potenciais públicos das associações. De resto, continua a ter muita importância a utilização dos contactos com a comunicação social, no sentido de publicitar e esclarecer sobre as atividades

associativas, ainda que, frequentemente, a relação com os órgãos de comunicação social levante algumas dúvidas e desilusões.

Relações externas

Por fim, verificámos que as associações desenvolvem e sustentam relações com uma multiplicidade de organizações externas de diversos tipos. É possível organizarem-se estas relações em três grandes tipos de interlocutores: em primeiro lugar, as entidades governamentais como o Ministério da Ciência e outros, a Assembleia da República, a agência Ciência Viva ou a Fundação para a Ciência e Tecnologia. Estas entidades surgem tanto como interlocutoras da ação associativa como enquanto financiadoras, desempenhando um papel importante, mas não isento de críticas. Em segundo lugar, temos as outras associações, que atuam como parceiras em alguns projetos e que, em certos casos, acabam por estabelecer-se em plataformas mais ou menos formais, por vezes de cariz internacional. Finalmente, encontramos entidades como escolas, empresas e autarquias que, a um nível mais local, atuam tanto como financiadoras ou prestadoras de apoios como enquanto parceiras na organização de determinadas atividades.

Projeto SOCSCI Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea

Instituições participantes: ICS-UL (coord.), CIES-IUL, SOCIUS-ISEG

Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CS-ECS/101592/2008)

Website: <http://www.socsci.ics.ul.pt>

Contacto: ana.delicado@ics.ul.pt